



PENSAMENTO

QUEM INSPIROU RENÉ GUÉNON?



O PRESTIDIGITADOR, C. 1496 E 1520 / HIERONYMUS BOSCH

ANTOINE DE MOTREFF

RENÉ GUÉNON JUGÉ PAR LA TRADITION, ÉDITIONS DU SEL, 2008, AVRILLÉ.
 TRADUÇÃO DE LUIZ DE CARVALHO

Éinegável que René Guénon (1886-1951) exerce uma influência importante nos ambientes intelectuais que reivindicam para si, a torto ou a direito, a Tradição. Para justificar a afirmação, basta citar o livro de Éric Vatré, *La droite du père. Enquête sur la Tradition catholique aujourd'hui*¹ [A direita do pai. Enquete sobre a Tradição Católica nos dias de hoje]: um terço da obra se dedica aos discípulos de Guénon².

O problema da compatibilidade entre as idéias de Guénon e o catolicismo já se discutia enquanto o escritor ainda vivia. René Guénon, de origem católica, colaborou no início com revistas monárquicas e católicas na França, quais *La France anti-maçonnique* (1913-1914) ou a *Revue universelle du Sacré-Coeur, Regnabit* (1925-1927)³. As primeiras reações vieram dos colaboradores da *Revue Internationale des Sociétés Secrètes*, de Mons. Jouin; a disputa terminou em 1930, quando Guénon se “exilou” de própria vontade no Egito, onde se viu livre para praticar o esoterismo muçulmano que abraçara secretamente em 1912.

Depois disso, começaram a aparecer diversos estudos que tendem a demonstrar que o pensamento de Guénon é incompatível com a doutrina católica. Assinalemos, entre os mais pertinentes, os de Lucien Meroz⁴, Daniel Jacob⁵

1 VATRÉ, Éric. *La droite du père. Enquête sur la Tradition catholique aujourd'hui*, Guy Trédaniel, 1994, 372 p.

2 A influência de Guénon não se limita à Tradição Católica. Ele se transformou numa espécie de doutor comum da maçonaria – ao menos, para os maçons que procuram um itinerário espiritual. Demais, a sua influência ultrapassa os limites da maçonaria e se estende a grande parte do movimento esotérico, que se ramifica em múltiplas escolas.

3 Indicações bem pormenorizadas sobre as relações de Guénon com os ambientes católicos estão no livro de Marie-France James, *Ésotérisme et cristianisme autour de René Guénon* [René Guénon segundo o esoterismo e o cristianismo], Nouvelles Éditions Latines, 1981. O livro é interessante por causa dos documentos, mas não é recomendável a todos, pois o autor, ao estilo universitário, abstém-se do menor julgamento.

4 MÉROZ, Lucien. *René Guénon ou la sagesse initiatique*, Plon, 1962, 245 págs.

5 JACOB, Daniel. “René Guénon, une super-religion pour les initiés”, *Permanences* 34, novembro de 1966, págs. 31-62.

e Jean Vaquié⁶. Esses estudos não impediram que a influência do pensamento de Guénon aumentasse em alguns ambientes católicos.

Veja-se por ex. a entrevista de mais de 12 páginas do sociólogo Émile Poulat, que, em uma espécie de “suma” sobre René Guénon⁷, mostra-se mui favorável a certos aspectos do guénonismo e faz estranhas correlações entre o cardeal Pitra e o pensamento de Guénon.

Jean Hani, cujos livros sobre simbolismo tiveram a honra da publicação em alguns ambientes mui próximos a Dom Lefebvre, lamenta-se sobre a incompreensão dos ambientes católicos que não aceitam, como ele aceita, o pensamento do mestre:

[...] Os ambientes que deveriam prestar mais atenção à mensagem de Guénon são justamente os que mais estão fechados a ela; quando passam a conhecê-la, transformam-se nos mais hostis: com isso queremos apontar os ambientes religiosos, sobretudo católicos. À medida que a obra de Guénon se populariza, começa a se expor às críticas cada vez mais violentas desses ambientes. E não só violentas mas, afirmemo-lo às claras, injustas e às vezes odiosas. De fato, com honráveis exceções – como a obra de Andruzac, que é um esforço sincero de aproximação e uma tentativa de compreensão das opiniões de Guénon a partir da teologia católica, ou a obra póstuma do Pe. Stéphane – o que se lê nessas críticas causa aflição e revolta; aflição, porque os autores parecem que nada entenderam da obra de Guénon, cometendo absurdos interpretativos contra o que ele escreveu; e revolta, porque esses censores estão animados por uma tendência fanática, manifestada em uma cólera mal disfarçada⁸.

6 VAQUIÉ, Jean, em diversos estudos publicados em *Lecture et Tradition* (BP – 86190 Chiré-em-Montreuil), por ex., nos nºs 76, 79, 82 e 167, e nos *Cahiers de la Société Augustin Barruel* (62 rue Sala – 69002 Lyon), por ex., no nº 25, o único atualmente disponível que contém a lista dos estudos precedentes.

7 *L’Herne René Guénon*, periódico sob a direção de Jean-Pierre Laurant e Paul Barbanegra, Éd. de l’Herne, 1985, 459 págs. O periódico, ao responder a um interlocutor que se queixava da violência dos ataques da RISS (*Revue Internationale des Sociétés Secrètes*, revista católica dirigida pelo Mons. Jouin, que no começo do séc. XX lutava contra as sociedades secretas) e de certos ambientes católicos alinhados com o Pe. Barbier (por ex., a *Société Augustin Barruel*) contra a gnose, diz que os “integristas” são hostis ao pensamento moderno e ao simbolismo; os coitados dos “integristas” decididamente não entenderam nada.

8 *L’Herne René Guénon*, p. 273-274. O autor chega ao ponto de se questionar se não haveria uma conspiração contra René Guénon: “Ainda por cima, quando se analisam e – como dizem os eruditos – se colocam esses libelos, evidencia-se a convergência entre eles e, não raro, a identidade de argumentação dos autores, às vezes com dezenas de anos de distância entre si, como se constata na recente obra de Marie-France James, de sorte que é possível perguntar se não ►

Até uma revista próxima a Dom Lefebvre, como era *Itinéraires* em 1985, reproduzia, em um artigo de Yves Donald, o julgamento mui favorável de Noële Maurice-Denis Boulet:

[...] Parece temerário, em duas páginas e meia, dar uma lição em Guénon e concluir que a sua doutrina se limita ao velho gnosticismo: “A deformação grega das idéias orientais mal compreendidas não me interessa nem um pouco”, dizia Guénon a Maritain. Guénon é um inimigo do gnosticismo, escrevia Noële Maurice-Denis Boulet. Não é possível chegar aqui ao fundo do problema. Quem quiser ter uma idéia do debate e em que nível se situa, consulte o estudo de Noële Maurice-Denis Boulet (doutora em teologia), publicado em 1962 na revista La pensée catholique. Nesse estudo se lê, por ex.: “A despeito de problemas de vocabulário, cuja unificação é impossível, a opinião de Guénon, em metafísica pura, está mais próxima da opinião tomista do que qualquer outra opinião professada por um pensador moderno, cristão ou não”.

No entanto, constata-se sem dificuldades, ao consultar o supracitado artigo de *La pensée catholique*, que Noële Maurice-Denis Boulet defende a memória do velho amigo – o querido René Guénon, como ela o chama; assim, é imprudente estribar-se apenas na autoridade dela. Citemos um excerto revelador do artigo:

Tenho diante de mim a narração, já legendária, da morte de Guénon, que um de seus amigos redigiu em 1951: “[...] A doença combatida se manifestou na garganta e um abscesso lhe provocou sufocamento... Na tarde precedente à morte... sentado no beliche, conseguiu realizar todas as orações e ritos do derradeiro dhikr. Por meio das escolas iniciáticas do islã, totalizara em si de algum modo a iniciação de há muito fragmentada (?). A prática do dhikr era sempre esgotante. Nas presentes condições, era imenso o esforço, de sorte que lhe escorria um suor abundante da testa e da barba branca. O suor emanava um perfume de rosas que durou até ao fim. A última palavra, antes de expirar, foi o nome de Alá.”

existe, por trás de todas essas pessoas, uma inspiração única que orchestra, de alguma forma, as suas lucubrações” (*id.*). Ele propõe uma via de reaproximação entre guenonismo e catolicismo, não pela doutrina mas pelo estudo do simbolismo. Decerto, haveria alguma coisa a se fazer nessa área, não para tentar reaproximar-se de Guénon, como propusera Jean Hani, mas para demonstrar que existe um verdadeiro simbolismo católico, mui diferente do simbolismo guenonista. Jean Vaquié vislumbrava tal estudo, quando a morte o surpreendeu; esperamos retomá-lo algum dia.

Querido René Guénon! O “iniciado”, e mais de uma vez “iniciado”, não o vemos “imóvel no centro da roda cósmica”, como um “liberto já em vida”, graças à “realização metafísica”, nem como um sufi que alcançasse em definitivo “a identidade suprema”. Antes, o que nele se vê é essa necessidade, para assegurar a passagem, do recurso ao derradeiro dhikr, como um humilde cristão que recorresse à comendatio animae, mostrando-nos a posteriori, até o último suspiro, a “sede” por esse Deus que ele recusara a identificar com o Amor. Parece-me que o metafísico hindu, iluminado e sutil, tem direito ao nosso respeito; já o mau cristão, até apóstata (desde a mocidade), à nossa piedade. Contudo, ele morreu foi como místico muçulmano, “místico” contra a vontade, sem dúvida, o que, somado à íntegra dignidade da sua vida, dá-lhe o direito ao nosso amor e nos desperta, em relação a ele, a fraternal esperança⁹.

Como o livro de Lucien Méroz sumiu das lojas, e o estudo de Daniel Jacob é antigo e difícil de encontrar, e os trabalhos de Jean Vaquié sofreram por vezes uma injusta depreciação¹⁰, parece útil nos dedicarmos um pouco ao problema nesta revista.

Queremos evidenciar que existe uma oposição, fundamental e radical, entre o guenonismo e o catolicismo, e que tal oposição não é apenas de idéias mas de inspirações. Guénon não é só um filósofo ou pensador de idéias heterodoxas, como afirmara com razão a maioria dos contestadores católicos. O problema é muito mais grave e sério: na verdade, ele é um autor espiritual que propõe uma espiritualidade pretensamente superior à espiritualidade da Igreja Católica. Aos leitores expõe muito mais do que considerações algo estranhas: sugere o recebimento da iniciação que lhes outorgará uma influência espiritual capaz de impeli-los para muito além da mera “salvação” cristã: a iniciação alçá-los-ia até à “realização espiritual”, à identificação suprema com o absoluto indiferenciado.

Desse modo, força é descobrir a natureza da influência espiritual proposta por René Guénon. Existe, de fato? Se existe, que espírito é esse?

9 BOULET, Noële Maurice-Denis, “L’ésoteriste René Guénon”, *La pensée catholique* 80, 1962, pág.80.

10 Vimos alguns conhecidos paladinos da Tradição Católica, na linha de Dom Lefebvre, atacarem com violência os *Cahiers de la Société Augustin Barruel*, sobretudo Jean Vaquié. Além disso, Jean Vaquié conhecia pouco a teologia de Santo Tomás, assim nos parece útil completá-lo neste quesito.